



Experiências de base comunitária na região dos Lençóis Maranhenses (Brasil): potencialidades e limitações

Experiencias de base comunitaria en la región de Lençóis maranhenses (Brasil): potencialidades y limitaciones

Community-based experiences in Lençóis Maranhenses (Brazil): potential and limitations

Thays Regina Rodrigues Pinho
Universidade Federal do Maranhão
thays.pinho@ufma.br
<https://orcid.org/0000-0001-7516-3603>

Recibido/Received: 12/02/2021

Aceptado/Accepted: 19/03/2021

RESUMO:

O turismo de base comunitária reforça a prática sustentável do turismo em comunidades tradicionais como um arranjo socioproductivo e inovativo local. Objetiva-se, primordialmente, identificar as potencialidades e limitações para desenvolver o turismo em duas comunidades de Barreirinhas/MA, apresentadas pelo órgão oficial de turismo como experiências de base comunitária. Descreve-se, ainda, como são divulgadas pelo trade e se estão integradas aos preceitos de turismo de base comunitária. A investigação é exploratória-descritiva com abordagem qualitativa e categorial. As potencialidades envolvem: proximidade com o parque nacional, capacitação de jovens e artesãos, manutenção precária de práticas tradicionais e diversificação da renda. São fatores limitantes: rápida ascensão do fluxo de turistas, construção desordenada de empreendimentos hoteleiros, expropriação dos nativos, diminuição da pesca dentre outros. Para se tornarem experiências de base comunitária, os povoados necessitam de maior articulação para conduzir o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, inibindo os fatores limitantes e maximizando as potencialidades.

Palavras-chave: turismo de base comunitária; comunidades tradicionais; governança; sustentabilidade; parques nacionais

RESUMEN:

El turismo comunitario refuerza la práctica del turismo sostenible dentro de las comunidades tradicionales como un arreglo local innovador y socioproductivo. El objetivo de este estudio es identificar el potencial y las limitaciones del desarrollo turístico en las comunidades de Barreirinhas (Maranhão), catalogadas como experiencias comunitarias por el organismo oficial de turismo de la región. El artículo también examina cómo el sector turístico local comercializa las comunidades y si las experiencias en cuestión se rigen realmente por los principios del turismo comunitario. La investigación utiliza un enfoque cualitativo (categórico) exploratorio-descriptivo. El potencial del área incluye la proximidad del parque nacional, el desarrollo profesional de los jóvenes y comerciantes, la persistencia de prácticas tradicionales de

subsistencia y la diversificación de ingresos. Los factores limitantes son la rápida afluencia de turistas, la construcción desordenada de hoteles, la expropiación de nativos y la disminución de la actividad pesquera, entre otros. Se necesita una mayor colaboración entre las comunidades y una gestión turística más sostenible para crear experiencias genuinamente basadas en la comunidad, maximizar el potencial del área y minimizar sus limitaciones.

Palabras clave: turismo de base comunitaria; comunidades tradicionales; gobernanza; sostenibilidad; parques nacionales

ABSTRACT:

Community-based tourism reinforces the practice of sustainable tourism within traditional communities as an innovative, socio-productive local arrangement. The aim of this study is to identify the potential and limitations of tourism development in two communities in Barreirinhas (Maranhão), classed as community-based experiences by the official tourism body in the region. The article also examines how communities are marketed by the local tourism sector and whether the experiences in question are actually governed by the principles of community-based tourism. The research uses an exploratory-descriptive qualitative (categorical) approach. The potential of the area includes the proximity of the national park, the professional development of young people and tradespeople, the persistence of traditional subsistence practices, and income diversification. The limiting factors are the rapid influx of tourists, the disorderly construction of hotels, the expropriation of native people, and decreased fishing activity, among others. Greater collaboration between communities and more sustainable tourism management are needed in order to create genuinely community-based experiences, maximise the area's potential, and minimise its limitations.

Keywords: community-based tourism; traditional communities; governance; sustainability; national parks

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO/ HOW TO CITE THIS ARTICLE

Rodrigues Pinho, Thays Regina (2021). Experiências de base comunitária na região dos Lençóis Maranhenses (Brasil): potencialidades e limitações. *Rotur, Revista de Ocio y Turismo*, 15(2), 147-168. <https://doi.org/10.17979/rotur.2021.15.2.7551>

I. INTRODUCCIÓN

O imaginário turístico contemporâneo conduz pessoas para ambientes naturais e sociedades frágeis e singulares por representarem refúgios distantes do estresse cotidiano (Hiernaux-Nicolas, 2002) e, muito recentemente, por serem locais seguros e livres de mazelas e doenças, como a Covid-19. Um dos cenários traçados para o turismo mundial nos próximos anos aponta um crescimento das viagens para ambientes naturais com baixa densidade demográfica próximos ao local de residência e prática de atividades ao ar livre (Yeoman, 2020). Por outro lado, os benefícios associados, fruto dos efeitos na economia e indução de desenvolvimento local (UNWTO, 2019), podem ser neutralizados devido a consequências socioambientais adversas (Archer & Cooper, 1998), a exemplo da massificação e da turistificação (Issa & Dencker, 2006; Fratucci, 2007; Cruz, 2007). Mesmo em um contexto de pandemia global, matérias jornalísticas

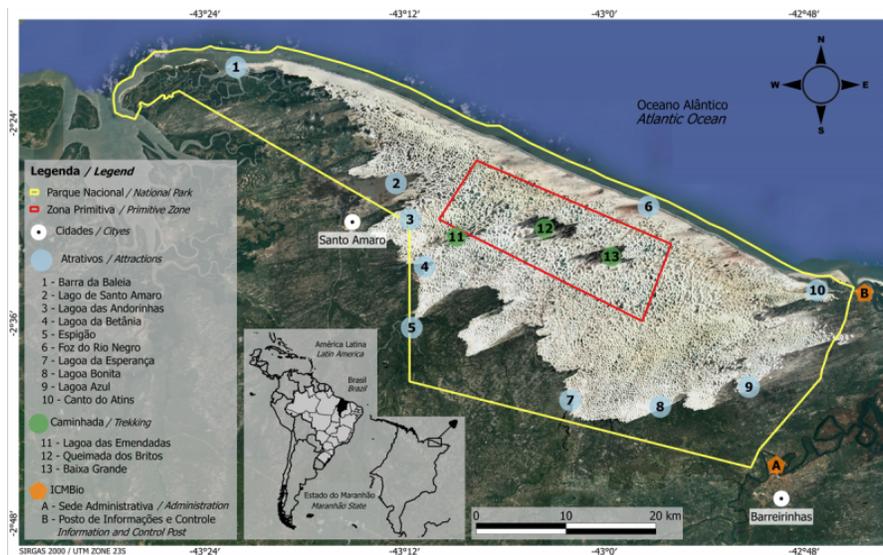
noticiaram uma excessiva demanda turística em parques nacionais dos Estados Unidos após a reabertura para visitação pública, evidenciando que a busca por esses espaços irá aumentar.

Neste cenário, a contraparte desafiadora é viabilizar ações sustentáveis que envolvam todos os atores ligados ao turismo e à governança (população local, turistas, setor público e privado) e que admitam a utilização dos recursos naturais necessários para garantir uma boa qualidade de vida, porém sem comprometer sua utilização pelas gerações vindouras (Swarbrooke, 2000; Ministério do Turismo, 2016).

O turismo de base comunitária (TBC) procura reforçar o conceito de sustentabilidade e a prática sustentável do turismo junto a comunidades tradicionais, como um arranjo socioprodutivo e inovativo local (Sampaio, Henríquez & Mansur, 2011). O modelo adotado persegue a incorporação de atitudes responsáveis no turismo em contraposição aos fluxos turísticos massivos e às práticas convencionais e hegemônicas da atividade (Burgos & Mertens, 2015; Brandão & Coriolano, 2016), com valorização da economia solidária e das culturas locais e autogestão da cadeia produtiva por parte das comunidades (Castro & Pinto, 2013). O protagonismo, emancipação social, melhoria da qualidade de vida e oportunidades de geração de divisas são condicionantes para a implementação do TBC (Burgos & Mertens, 2015; Maldonado, 2009; Graciano & Holanda, 2020).

O objetivo basilar do presente estudo é identificar as potencialidades e as limitações de duas experiências qualificadas como de base comunitária, em Barreirinhas, Estado do Maranhão, no nordeste do Brasil. O município é o principal local de acesso ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, localizado na parte leste do parque. As comunidades estudadas encontram-se nas proximidades da segunda sede administrativa do ICMBio (Figura 1).

Figura 1 – Mapa do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses



Fonte: ICMBio (2020).

De forma correlata, insere-se, sob a perspectiva da governança local, como as experiências de base comunitária são apresentadas e comercializadas pela Secretaria de Estado de Turismo e pelo trade turístico. Avalia-se, por fim, se as experiências estão integradas aos objetivos do TBC.

Por representar uma temática em expansão e com produção pulverizada com pouca reflexão no contexto humano e social (Graciano & Holanda, 2020), justifica-se a realização de estudos mais aprofundados, em especial, no cenário das comunidades inseridas no entorno de parques nacionais brasileiros, uma vez que a manifestação do TBC se concentra nas proximidades de áreas protegidas.

Castro & Pinto (2013) apontaram um descompasso entre o campo discursivo e o campo empírico, diante das variações conceituais sobre a temática, afetando o desenho da atividade em nível prático. Controvérsias terminológicas quanto ao TBC ainda persistem nos estudos quanto à temática, associando-o ao turismo comunitário (TC) e turismo de experiência. Adota-se, neste estudo, as contribuições elaboradas por Maldonado (2009), Sansolo & Bursztyn (2009) e Coriolano (2009) que desenvolvem suas pesquisas no âmbito do TBC, diferenciando-o do TC. Propõe-se, portanto, identificar se as práticas apresentadas como de base comunitária seguem o descompasso colocado por Castro & Pinto (2013), tomando por base as contribuições sobre TBC dos mencionados autores.

Aspectos relacionados à governança e à comercialização foram identificados como lacunas teóricas a serem preenchidas nos estudos referentes ao TBC (Graciano & Holanda, 2020), o que se pretende suprir, mesmo que forma pontual, no âmbito destas localidades.

II. ANTECEDENTES

II.1. Questões norteadoras do Turismo de Base Comunitária

Iniciativas pioneiras em TBC, na América Latina, surgiram nos anos de 1980 com apoio institucional de organismos internacionais (BID), a fim de atender uma demanda de turistas conservacionistas preocupados com os recursos naturais e comunidades locais (Maldonado, 2009). Mais além, despontou, inicialmente, nos países em desenvolvimento como um modelo turístico justo e igualitário, díspar ao tradicional, alicerçado nos princípios da sustentabilidade e inclusão social (Burgos & Mertens, 2015).

Particularidades no desenvolvimento turístico e dinâmicas próprias de comunidades presentes em países como Brasil, México, Equador e Peru, obstaculiza uma definição coesa do TBC e o associa a outras práticas similares como o Turismo Comunitário (TC) (Graciano & Holanda, 2020). Características norteadoras do TBC envolvem a autogestão sustentável de recursos comunitários (Maldonado, 2009) enquanto proposta alternativa de gestão turística endógena e autônoma (Sansolo & Bursztyn, 2009) com o manejo das terras e das atividades econômicas ligadas ao turismo pelas associações comunitárias (Coriolano, 2009). O TC, similarmente, é desenvolvido em comunidades locais e enseja a geração de benefícios às mesmas, porém, em contraposição, a gestão turística é realizada por agentes externos (agências e operadoras, por exemplo) detentores da renda gerada pela atividade (Graciano & Holanda, 2020).

Embora sejam evidentes as contribuições do turismo à economia local, devido ao aumento de questões concernentes sobre desafios ambientais globais e locais, pondera-se acerca dos impactos negativos da atividade associados ao ambiente e às populações locais (Archer & Cooper, 1998; Leiper, 2005; Krippendorf, 2001). O TBC emerge, assim, como uma objeção às pressões

mundiais do trade que excluem as populações locais dos potenciais benefícios da atividade e ameaçam sua coesão social e existência (Burgos & Mertens, 2015). Esse fato, incentivou a gestão participativa como resultado do engajamento de indivíduos em ações coletivas (Burgos & Mertens, 2015), colocando a população local no cerne do planejamento e desenvolvimento do turismo.

Burgos & Mertens (2015) debateram acerca dos dilemas e perspectivas da gestão participativa no TBC, enquanto possibilidade para alcançar a sustentabilidade turística, e constataram que a ação social é fundamental na atual configuração sistêmica do turismo que supera a mera dimensão econômica adquirindo outras transversalidades e interdependências.

II.2. Governança ambiental e sustentabilidade alinhados ao TBC

O teor referente a governança vem sendo, gradativamente, incorporado aos discursos acadêmicos, governamentais e do terceiro setor, diretamente relacionado às políticas públicas, desenvolvimento sustentável (Costa, Silva & Nascimento, 2012) e, em estudos, sobre democratização e descentralização (Martin, 2003). Seu conceito emerge, na década de XX, em meio às aceleradas mudanças experimentadas no contexto social, econômico, tecnológico e ambiental e que desafiam, progressivamente, as estruturas tradicionais dos governos (Jacobi & Sinisgalli, 2012).

A governança suplanta o conceito de governo ou governabilidade, com reforço para a necessidade de ampliar a participação de diferentes atores/setores sociais na esfera decisória (Fuentes, 2011). Caracteriza-se como a auto-organização de diferentes atores em torno de relações de interdependência, troca de recursos e regras compartilhadas que direcionam as ações coletivas (Nordin & Svensson, 2006), tal como prega o TBC quanto a autogestão da cadeia produtiva ou, parte dela, pela comunidade local.

Governança e TBC demandam alianças em redes de colaboração (Burgos & Mertens, 2016) entre diferentes atores em um dado território para que dilemas de ação coletiva sejam resolvidos em detrimento a interesses particulares. Logo, as estratégias devem ser estabelecidas em conjunto, na busca de um denominador comum (Costa, Silva & Nascimento, 2012). Ao tratar de governança, múltiplos atores representados por poderes governamentais, segmentos e atores não-estatais são partícipes na formulação e implementação de políticas públicas mais inclusivas e ações coletivas (Jacobi & Sinisgalli, 2012).

No que tange à governança ambiental, enquanto “procedimentos e práticas que configuram o acesso, o controle e o uso dos recursos naturais entre diferentes atores” (Castro, Hogenboom & Baud, 2015:18), uma de suas dimensões é a governança de áreas protegidas, fortalecida a partir de demandas provenientes de variados setores, como governos locais, grupos indígenas, ONGs e comunidades tradicionais (Fuentes, 2011) para que os espaços naturais sejam geridos de maneira compartilhada. Por conseguinte, a participação da sociedade na gestão constitui elemento central para a sustentabilidade das áreas protegidas (Irving et al., 2007). Em paralelo, o TBC resulta de um processo de colaboração intracomunitário, cuja gestão participativa deve ser amparada na equidade e na coexistência das relações entre diferentes atores (Burgos & Mertens, 2016).

No entanto, a governança em áreas protegidas, mais especificamente, em parques nacionais e seu entorno, enfrenta desafios comuns que comprometem seu manejo sustentável (Botelho &

Rodrigues, 2016), como tensões fundiárias (Pinho, 2019), falta de prioridade nas políticas regionais (Irving et al., 2007), conflitos socioambientais entre moradores, gestores e prestadores de serviço (Spinola, 2013), carência financeira e de recursos humanos para fiscalização, e presença de populações residentes (Silva & Ribeiro, 2018). Esta multiplicidade de impactos internos e externos afetam a efetividade do processo de proteção da natureza (Irving et al., 2007). Para superar essas limitações, sugere-se a presença de instituições que promovam a participação/representação dos cidadãos, a definição de políticas e marcos regulatórios que compreendam o caráter sistêmico do turismo, e alianças entre entidades públicas, privadas e da sociedade civil organizada (Costa, Silva & Nascimento, 2012).

Nessa visão sistêmica, Paskaleva-Shapira (2000) advogou a favor da governança de destinos pautada na gestão sustentável que integre a participação de atores, o desenvolvimento integrado comunitário e os princípios do turismo sustentável, a fim de solucionar conflitos no longo prazo. Condições similares são requeridas no TBC. Outrossim, atesta-se que a governança de cidades turísticas com viés sustentável requer o conhecimento das especificidades do turismo e das localidades, haja vista não haver uma forma exclusiva de regular e conduzir realidades tão díspares (Costa; Silva & Nascimento, 2012).

Para o funcionamento da atividade turística, é necessária a articulação entre distintas organizações presentes no destino (Costa, 2009), pois o turismo é uma complexa atividade econômica que apresenta serviços conexos e interdependentes que compõe o produto turístico (Scott; Cooper & Baggio, 2008) podendo ser o TBC um destes componentes. Quanto mais articulado um destino, maiores são os retornos, como a atração de visitantes, a melhoria da qualidade de vida e a mitigação dos impactos negativos. Para tanto, uma governança local forte favorece as experiências de TBC à medida que se inter-relacionam dentro da perspectiva sistêmica do turismo (Leiper, 1995; Petrocchi, 2001; Beni, 2007).

III. METODOLOGÍA

Trata-se de uma investigação exploratória-descritiva com abordagem qualitativa com aplicação de pesquisas bibliográficas, documental e de campo, por meio de observações sistemáticas ocorridas entre fevereiro e agosto/2019. Entre o período de agosto/2019 a março/2020 foram feitos levantamentos em páginas da internet, a partir de categorias de análises, com o intuito de descrever como as experiências ditas de base comunitária vêm sendo comercializadas/divulgadas e identificar as potencialidades e limitações para o seu desenvolvimento. Adicionalmente, buscou-se inferir se as experiências estão condizentes com os preceitos do TBC. Foram pesquisados 02 sites institucionais da Secretaria de Estado de Turismo e da Prefeitura Municipal de Barreirinhas. Foram investigados 15 blogs de viagens que continham conteúdo relevante sobre os povoados de Atins e Mandacaru. Foram visitados 20 sites de agências de viagens de São Luís e de Barreirinhas que trabalham com turismo receptivo para os Lençóis Maranhenses e oferecem passeios para os povoados (Quadro 1).

Quadro 1 – Sites pesquisados

02 Sites Institucionais	Âmbito
https://www.turismo.ma.gov.br/experiencia-de-base-comunitaria/	Estado do Maranhão

https://www.barreirinhas.ma.gov.br/	Município de Barreirinhas
15 Sites de Blogs de Viagens e Turismo	Âmbito
https://www.viagenscinematograficas.com.br/	Brasil
https://guia.melhoresdestinos.com.br/destinos	Brasil
https://www.feriasbrasil.com.br/	Brasil
https://maladeaventuras.com/	Brasil
https://blog.ecoadventure.tur.br/	Brasil
https://chickenorpasta.com.br/	Brasil
https://www.buenasdicar.com/	Brasil
https://www.carpemundi.com.br/	Brasil
https://rotacombo.com/	Brasil
https://viagemeturismo.abril.com.br/	Brasil
https://www.adventureclub.com.br/blog/	Brasil
https://meuestinoelogoali.com.br/	Brasil
https://viajantesemfim.com.br/	Brasil
https://cafeviagem.com/	Brasil
https://www.mapadeviajante.com.br/	Brasil
20 Sites de Agências de Viagens	Âmbito
https://www.cvc.com.br/	Brasil
https://www.brasilplanet.com.br/	Brasil
http://gekos.com.br/	Regional
https://www.caravelaturismo.com.br/	Maranhão
https://taguaturonline.com.br/	Maranhão
https://www.arisdomar.com.br/	Maranhão
https://giltur.com.br/	Maranhão
https://www.kairostur.com.br/	Maranhão
https://manguebrasilturismo.com/index.html	Maranhão
http://www.lencoisturismo.com.br/	Maranhão
https://www.slzturismo.com.br/	Maranhão
https://americantrip.com.br/	Maranhão
http://www.innovarturismo.com.br/	Maranhão
https://www.boulevardturismo.com.br/#!	Maranhão

http://www.mdmturismo.com.br/	Maranhão
http://www.pontoapontotur.com.br/	Maranhão
https://alltourviagensma.com.br/	Maranhão
https://saopauloecoturismo.com.br/	Barreirinhas
http://www.santosturismo.com/	Barreirinhas
http://www.valedoslencois.com.br/index.asp	Barreirinhas

Fonte: dados da pesquisa (2020).

A proposta investigativa tem universo empírico inicial o município de Barreirinhas, com proposta futura de ampliação para o município de Santo Amaro, que integram a região dos Lençóis Maranhenses. A escolha de Barreirinhas como objeto de estudo inicial se deu, sobretudo, por representar, atualmente, o principal alvo de visitação turística do estado do Maranhão (Silva & Ribeiro, 2018; Pinho, 2019). O foco foram os povoados de Mandacaru e Atins, identificados no site da Secretaria de Estado de Turismo como experiências de base comunitária.

Foram estabelecidas categorias de análise apriorísticas e a posteriori para categorizar os dados coletados (Bardin, 2004) e facilitar as análises e discussões (Quadro 2). A partir de indicações de pesquisas anteriores, foram definidas categorias ligadas a questões técnicas em destinos turísticos que englobam: infraestrutura turística necessária para o desenvolvimento da atividade; divulgação do destino turístico e imagem veiculada; prática da hospitalidade; prática de esportes náuticos; e fluxo turístico. Foram definidas, em paralelo, categorias ligadas aos preceitos do TBC, conforme as definições de autores citados anteriormente, tais como: Maldonado (2009); Coriolano (2009); Sansolo & Bursztyrn (2009); e Burgos & Mertens (2015, 2016). Sendo assim, uma das categorias tratou de verificar o uso da terminologia TBC ou outra similar como turismo comunitário, turismo de experiência ou experiência de base comunitária. A outra categoria relacionada ao TBC trata de como a organização da atividade turística é feita nas comunidades, com análise dos investimentos em turismo e se são feitos pelos nativos ou por estrangeiros. Essa categoria permite inferir sobre a participação da comunidade na gestão turística.

Para análise dos dados fez-se uso, primordialmente, da análise de conteúdo, que possui um caráter social por ser uma técnica que objetiva produzir inferências de um texto para seu contexto social de forma objetiva (Bardin, 2004; Carvalho, 2012; Silva & Fossá, 2015; Carlomagno & Rocha, 2016).

Quadro 2 – Categorias de Análise estabelecidas para a pesquisa

Categorias apriorísticas		Referências de indicações de pesquisa	Categorias definidas a posteriori
Questões técnicas relacionadas ao atrativo	Subcategorias:	Beni (2007); Petrocchi (2001); Pinho (2019); Camargo (2008); Chagas (2008)	Rusticidade /Local paradisíaco; Vilarejo de pescadores; Comparação com Jericoacoara.
	Acesso; Equipamentos; Descrição do local e imagem veiculada;		

	Hospitalidade; Prática de esportes náuticos; Fluxo de turistas.		
Preceitos do TBC	Subcategorias: Caracterização como TBC ou similar (turismo de experiência, TC, experiência de base comunitária); Organização do turismo.	Maldonado (2009); Coriolano (2009); Sansolo & Bursztyn (2009); Burgos & Mertens, 2015	Investimentos feitos pela comunidade local; Investimentos feitos por estrangeiros.

Fonte: Elaboración propia

IV. ANÁLISIS DE RESULTADOS

As atividades produtivas desenvolvidas no município de Barreirinhas envolvem a pesca artesanal, o extrativismo vegetal (buriti), a agricultura (cultivo de castanha de caju e mandioca), o artesanato, o comércio, e, mais recentemente, o turismo (Pinho, 2019). A região é rica na produção do Buriti com aproveitamento de sua fibra para a confecção de artesanato, em sua maioria, fruto do trabalho de mulheres que complementam a renda familiar com sua comercialização.

As mudanças sociais promovidas, no município de Barreirinhas, com a criação do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses referem-se, principalmente, à visibilidade turística dada ao município, principal comunidade de acesso à área protegida. A partir desta visibilidade, o seu núcleo urbano experimentou melhorias sociais, com a instalação de infraestruturas urbanas, construção de empreendimentos turísticos e geração de postos de trabalho, além do efeito multiplicador do turismo na cadeia produtiva que favoreceu o comércio local e a geração de divisas para o governo.

O estímulo ao turismo comunitário e ao empreendedorismo e a valorização de elementos culturais e naturais próprios da comunidade, por parte dos promotores e organizadores do turismo, foi apresentado por meio de um discurso imbuído de conotação mercantilista, enquanto componentes da oferta turística. A formação de uma conscientização turística, junto às comunidades do município, e a intensificação do fluxo turístico, com intuito de obter melhorias econômicas, são estratégias adotadas pelos agentes ligados à atividade, contradizendo os preceitos do TBC da autogestão da atividade pela comunidade.

Dentre as comunidades diretamente afetadas pelo turismo, em Barreirinhas, que recebem turistas ocasionais e temporários, destacam-se 02 (duas) comunidades: o povoado de Mandacaru e o povoado de Atins. Ambas são apresentadas no site oficial de turismo do Estado do Maranhão como experiências de base comunitária. Embora não sejam apresentadas como TBC, a terminologia pode ser vinculada a este modelo, partindo do pressuposto que a atividade turística é estimulada, organizada e planejada pela comunidade.

IV.1. O turismo em Atins

Atins é um povoado localizado na confluência do Rio Preguiças com o mar, caracterizada por suas belezas naturais formadas por praias, canais do rio, mangues e dunas. Tradicionalmente, é uma vila de pescadores famosa pelos camarões com infraestrutura rústica, ruas de areias e construções simples. Estima-se que a população seja de 2 mil pessoas. O potencial turístico do vilarejo foi notado por um empresário ludovicense, Carlos Antônio Buna, no fim dos anos de 1980, que levou os primeiros turistas e instalou a primeira pousada do local (Furtado & Wada, 2018).

Na comunidade, percebe-se um crescimento no fluxo de turistas, na grande maioria estrangeiros. Segundo relatos orais de moradores, condutores, guias e trabalhadores locais, a localidade vem sendo “invadida” pelos visitantes alóctones. Alguns se instalaram na área, comprando terrenos dos nativos, construindo suas residências temporárias e/ou empreendimentos hoteleiros e expropriando os nativos de seu lócus habitual de moradia.

Por vezes, em blogs de viagens e matérias jornalísticas, Atins é equiparada com a comunidade litorânea de Jericoacoara, localizada no Ceará, nas adjacências do Parque Nacional homônimo. Um breve exame comparativo entre as localidades se faz interessante, por replicar, em Atins, de modo verosímil, alguns fatores e situações experimentados, em Jericoacoara, no passado. Idealmente, as falhas identificadas durante o percurso turístico trilhado, na vila cearense, poderiam servir de alerta e aprendizado para a nova destinação maranhense que surge.

Atins e Jericoacoara possuem similaridades, quanto à instauração da atividade turística, muito embora, encontrem-se em fases diferentes dentro do ciclo de vida de uma destinação (Butler, 1980). Jericoacoara é um destino consolidado dentro do mercado turístico, comercializado como um produto turístico estruturado e trabalhado como polo indutor para o turismo regional. Atins, por seu turno, encontra-se na fase de nascimento, fase inicial de um destino turístico.

Quanto às similaridades no processo de instalação do turismo, pode-se fazer uma analogia entre a Vila de Jericoacoara de outrora com o povoado de Atins do presente. Ambas possuem elementos naturais paisagísticos singulares e foram concebidas como vilas de pescadores com difícil acesso. O acesso à Jericoacoara é feito pelas dunas ou pela praia em veículos tracionados. Da mesma forma, o acesso à Atins é pelas dunas, fazendo uso de veículo tracionado. Pode-se, ainda, acessar o povoado pelo Rio Preguiças, em barcos pequenos (voadeiras, canoas, barcos de passeio à motor, dentre outros).

O potencial turístico do povoado começa a ser destaque, por meio de ferramentas imagéticas, na mídia internacional, bem como o foi em Jericoacoara, quando, em 1984, foi classificada como uma das dez mais belas localidades do mundo pelo jornal internacional “The Washington Post” (Molina, 2011). A publicação, no caso de Atins, foi na revista norte-americana Vogue, referência mundial em estilo, que descreve o povoado como “paraíso escondido que merece ser visitado” (Borrelli-Persson, 2019). Claramente, é perceptível a formação de uma imagem turística do local, com vistas a captação de novos visitantes, que tem como elemento de atratividade principal o PNLM.

Anterior a este fato, Atins foi divulgada pela mídia internacional como hotspot para a prática de esportes náuticos, especificamente o kitesurf, em um evento mundialmente conhecido o “Red Bull Rally dos Ventos”, ocorrido em 2014 (Furtado & Wada, 2018). A partir de então, o povoado vem se firmando como um dos pontos preferidos para praticar o kitesurf.

O povoado conta com abastecimento de água por meio de poços semiartesianos e, no período entre julho a setembro (período de férias escolares na Europa), recebe o dobro de sua população. As mudanças promovidas pelo turismo são percebidas no aumento da oferta hoteleira, no fluxo mais acentuado de estrangeiros, no deslocamento dos nativos para outros povoados, como Santo Inácio, na diminuição da pesca devido ao kitesurf que afasta os peixes do local e na capacitação de jovens e crianças em idiomas estrangeiros e técnicas hoteleiras para atender ao padrão dos novos empreendedores (Molinari, 2018).

Segundo relatos orais dos moradores, o avanço do mar vem se tornando uma ameaça nas localidades próximas a Atins e obriga a população a se deslocar para áreas mais interioranas. Pode afetar, inclusive, os empreendimentos que se instalaram na área e, alguns, já se sentem ameaçados pelo fenômeno. A península do Caburé, por exemplo, que tem, de um lado, o Rio Preguiças e, de outro, o Oceano Atlântico e representa um dos atrativos mais visitados pelos turistas, pode desaparecer, em alguns anos, com o estreitamento da faixa de areia. Neste caso, o avanço do rio e do mar é resultado do movimento das correntes e das marés, que alteram a Foz do Rio Preguiças (G1, 2007).

Os resultados apontam para uma comercialização turística da comunidade de forma desordenada e ainda incipiente. Atins é oferecido aos turistas pelas agências de viagens como um roteiro alternativo, um opcional para aqueles que buscam rusticidade e destinos não convencionais. Em nenhum dos sites pesquisados se faz referência a Atins como destino TBC, por outro lado, são reforçadas características de comunidade tradicional, pesqueira e rústica.

A secretaria estadual de turismo descreve, brevemente, a comunidade e suas práticas tradicionais de pesca e não aponta quais seriam os projetos relacionados à experiência de base comunitária. A divulgação pelos órgãos institucionais, pelas agências de viagens e pelos blogs de viagens remete à formação de uma imagem paradisíaca, “um verdadeiro idílio para experiências únicas e exclusivas” (Secretaria de Estado de Turismo, 2020). A infraestrutura e o acesso são precários, mas não é impeditivo ao fluxo turístico crescente, que faz uso de uma dezena de equipamentos turísticos instalados na localidade.

Nos blogs de viagens, mais especificamente, descreve-se Atins em pormenores, talvez pela visibilidade que tenha ganhado nos últimos anos. Entretanto, em nenhum deles, aponta-se Atins como destino TBC, ao contrário disso, descreve-se o povoado como um local multicultural com pessoas de diversas nacionalidades empreendendo negócios turísticos.

A identificação da comunidade como uma experiência de base comunitária segue o descompasso entre o divulgado e a prática. Os resultados apontam que não são contemplados os preceitos do TBC no desenvolvimento do turismo. A comunidade local não está articulada tampouco assume as rédeas do planejamento turístico. Existe, por outro lado, a inserção de atores externos à comunidade, em grande parte estrangeiros, que se apropriam dos espaços comunitários e instalam equipamentos para atender a demanda turística. Os empreendimentos de nativos vêm perdendo espaço para os estrangeiros. Uma síntese com as categorias de análise e depoimentos pesquisados estão descritos no Quadro 03.

Quadro 3 - Pesquisa em blogs de viagens, sites institucionais e agências de viagens sobre a comunidade de Atins

Categorias de análise		Depoimentos
Aspectos técnicos do atrativo		
Acesso		<p>“[...] em estrada de terra e areia em veículos 4x4 [...] é bem longo e será, em média, uma hora e meia de viagem até lá em um sacolejo sem fim” (blog guia.melhoresdestinos)</p> <p>“o vilarejo de Atins é um dos acessos para a praia de Lençóis, com 70 quilômetros de extensão e completamente deserta” (agência Gekos)</p> <p>“Chegando de barco pelo Rio Preguiças, a vantagem é fazer passeios pelos igarapés, explorar a região e conhecer as histórias de vida dos moradores, sem nenhuma pressa” (SECTUR/MA)</p>
Equipamentos (meios de hospedagem, entretenimento, alimentação...)		<p>“São os restaurantes deliciosos, as barracas de praia exóticas. Atins tem poucas e boas barracas de praia” (blog buenasdicas)</p> <p>“As acomodações em Atins refletem toda essa simple life, esse jeitinho charmoso traduzido em pousadas rústicas com conforto oferecido através de deliciosos cafés da manhã, toques decorativos fofos praianos” (blog carpemundi)</p> <p>“Opções de pousadas charmosinhas, rústicas e pé na areia não vão faltar” (blog maladeaventuras)</p> <p>“parada para o almoço (não incluso) será feito no restaurante da Luzia ou Sr. Antônio, moradores famosos na comunidade devido o preparo do delicioso camarão grelhado” (agência Caravelas)</p> <p>“vale a pena chegar e saborear os pratos à base de peixes e camarão, pescados ali mesmo e feitiños na hora [...] Há pousadinhas caseiras em que é possível dormir em chalés ou em redes como os nativos” (SECTUR/MA)</p>
Descrição/ Imagem	Rusticidade / Paraíso	<p>“Arrisco dizer que Atins é o lugar mais rústico que já fui no Brasil [...] dá para sentir o relaxamento entrando pelos poros da pele” (blog chickenor pasta)</p> <p>“Bucólica e encantadora, a Vila de Atins é o paraíso da tranquilidade. Ruas de areias fofas, e casas simples, limitadas por cercas de madeiras” (blog rotacombo)</p> <p>“[...] a rusticidade misturada à bela paisagem parece dar outro ritmo aos dias” (blog viagemeturismo)</p> <p>“Se a proposta é curtir um lugar paradisíaco, acordar em Atins é uma experiência incrível” (blog viagens cinematográficas)</p> <p>“O percurso continua pela Praia até o Canto do Atins, uma praia paradisíaca para banho” (agência Arisdomar)</p> <p>“[...] descansar nas redes contemplando a natureza” (SECTUR/MA)</p>
	Vilarejo de pescadores	<p>“A vila de pescadores, de ruas de areia e repleta de atrativos naturais ao redor, costuma ser explorada em passeios de um dia para quem vai conhecer os Lençóis Maranhenses” (blog feriasbrasil)</p>

		<p>“Suas ruas de areia, seu vasto litoral selvagem e suas casinhas simples dão um ar especial ao pequeno vilarejo de pescadores” (blog.ecoadventure.tur)</p> <p>“Vila de pescadores, de gente simples e acolhedora” (agência manguebrasilturismo)</p>
	<p>Comparação com Jericoacoara (CE)</p>	<p>“Atins me lembrou bastante Jericoacoara. Uma Jericoacoara de antigamente” (blog viagens cinematográficas)</p> <p>“saia para aproveitar a vila, antes que ela se torna famosa como Caraíva ou Jericoacoara” (blog buenasdicas)</p> <p>“Muitas pessoas falam que Atins lembra Jericoacoara de uns anos atrás, e é verdade!” (blog maladeaventuras)</p> <p>“é um local tão repleto de encantos, curiosidades e mistérios que já está sendo considerado como a “nova Jericoacoara” (blog adventureclub)</p> <p>“[...] com jeitinho de Trancoso e Jericoacoara, mas ainda bem pequeno” (agência CVC)</p>
Hospitalidade		<p>“O atendimento também é simpático e cordial; O atendimento e o café da manhã são muito elogiados pelos hóspedes; atenção e simpatia dos funcionários” (blog viagens cinematográficas)</p> <p>“principalmente, os moradores incrivelmente receptivos que fazem de Atins uma praia para se lembrar para sempre” (blog buenasdicas)</p>
Infraestrutura		<p>“O ponto negativo fica para a água corrente (chuveiro e pia), salobra. Ele conta que era preciso comprar água mineral até para escovar os dentes; as ruas são de areia. Mas o pior, é que são de areia fofa, então cansa muito mais; A praia tem pouquíssima infraestrutura. São algumas barracas de praia bem simples” (blog viagens cinematográficas)</p> <p>“100% das ruas são de areia, a iluminação pública só chegou por lá no final de 2018, e em época de chuva algumas áreas do vilarejo ficam intransponíveis” (blog chickenorpasta)</p>
Prática de esportes náuticos ou de aventura		<p>“o povoado tem sido reconhecido como o novo point dos praticantes de kitesurf” (blog guia.melhoresdestinos)</p> <p>“o vento é constante e consistente, atingindo até os 30 nós e garantindo as condições propícias para a prática do kite” (blog carpemundi)</p> <p>“Local de praias de águas calmas e praticamente desertas, ótimas para quem curte a prática de KiteSurf” (agência Kairostur)</p>
Fluxo de turístico		<p>“A lagoa estava bem cheia, mas é preciso considerar que estávamos em um fim de semana de feriado” (blog viagens cinematográficas)</p> <p>“Porém o baixo número de turistas nas lagoas de Atins é uma das melhores características de lá! A chance de ficar nas lagoas com quase ninguém é bem grande” (blog guia.melhoresdestinos)</p>
Categories de análise		Depoimentos

Aspectos referenciais de TBC		
Apresentação como destino TBC ou TC ou Turismo de Experiência		“O povoado de Atins atrai cada vez mais a atenção dos turistas que buscam uma experiência diferente nos Lençóis Maranhenses” (blog guia.melhoresdestinos)
Organização da atividade	Investimentos de nativos	“Os restaurantes mais famosos da vila pertencem aos nativos, assim como grande parte do transporte da região” (blog chickenor pasta) “[...] a Estresse Zero , que fica na ponta da praia, [...] Os donos, um casal de São Luís, fazem cachaças exóticas e frutos do mar fartos, como a gostosa moqueca de arraia que eu comi” (blog buenasdicas) ^a restaurante para apreciar um delicioso Camarão Grelhado (Opcional: Sra. Luzia ou Sr. Antonio). Receita de família guardada a sete chaves” (agência Kairostur)
	Investimentos de estrangeiros	“Italianos, franceses e alemães já descobriram Atins e estão fazendo cada vez mais investimentos por lá” (blog viagens cinematográficas) “A pousada é de uma argentina, a pizzaria é de um italiano, o padeiro é francês. Para uma vila de 800 habitantes, Atins é surpreendentemente multicultural e com um <i>hi-lo</i> de serviços” (blog chickenor pasta) “o que você mais vai encontrar por lá são gringos: donos de pousadas e restaurantes que se encantaram e resolveram ficar por lá mesmo” (blog maladeaventuras) “surpreendentemente multicultural, uma vez que lá moram muitos estrangeiros, que visitam o povoado e acabam montando algum tipo de comércio e ficando por lá” (blog rotacombo)

Fonte: Elaboración propia

IV.2. O povoado de Mandacaru na rota dos passeios turísticos

A comunidade de Mandacaru, uma vila de pescadores e artesãos, localizada à margem esquerda do Rio Preguiças, é um dos pontos de parada habitual dos passeios de barco que saem da sede do município de Barreirinhas em direção a península de Caburé ou a comunidade de Atins. Está inserido no circuito turístico consolidado denominado Pequenos Lençóis, comercializado pelas agências de viagens de São Luís e de Barreirinhas.

O distrito dista cerca de 26 quilômetros da sede do município de Barreirinhas e o acesso é feito, sobretudo, por lanchas movidas a motor denominadas “voadeiras” Na localidade, avista-se o Farol das Preguiças administrado e construído pela Marinha do Brasil, em 1940, conhecido por Farol de Mandacaru, que possui 32 metros e é um dos principais atrativos do local. Encontra-se, temporariamente, fechado para visitas para realização de reformas, interferindo na dinâmica do turismo local e afetando os ganhos inerentes à economia criativa da comunidade, com evidências de uma drástica interrupção na atividade turística reconhecida como uma oportunidade motriz do povoado (Saldanha et. al., 2020).

Relatos orais de barqueiros e comunidade afirmam que algumas agências optam por retirar o povoado da rota devido ao fechamento do farol. Outros guias, mais conscientes da importância

do turismo para a comunidade, param no local mesmo sabendo que não será feita a visitação no atrativo.

Com uma população aproximada de 1.500 habitantes, a exploração do turismo possui uma participação importante na renda das famílias, ao lado, de atividades como a pesca, fabricação de embarcações e cata do caranguejo. O artesanato peculiar produzido com cascalhos e conchas retirados das praias e dos rios é um forte fator de atratividade ao lado do farol (Saldanha et. al., 2020).

Na comunidade, existe a vivência mais próxima dos moradores com a atividade turística, que buscam alternativas para complementação de renda, comercializando produtos artesanais e alimentícios, na maior parte dos casos, em estruturas precárias.

Os resultados apontam para uma comercialização mais intensa do povoado dentro do passeio turístico tradicional de barco feito pelo Rio Preguiças para os Pequenos Lençóis. O povoado, diferente de Atins, não dispõe de equipamentos de hospedagem. O foco principal é a comercialização de produtos artesanais e alimentícios típicos da localidade. A infraestrutura, porém, é precária.

Do mesmo modo que em Atins, a denominação de experiência de base comunitária, em Mandacaru, aos moldes do TBC, não se evidencia na prática. Tampouco o povoado é comercializado pelas agências de viagens como destino TBC, reforçam, porém, a prática do artesanato. Embora existam dezenas de artesãs que comercializam seus produtos junto aos turistas, não se constata uma organização comunitária com foco no planejamento turístico ou um empreendimento turístico que seja gerido pela comunidade. Seria possível uma organização comunitária com essa finalidade, diante da forte presença dessa atividade, e por não existirem empreendedores alóctones que pudessem desvirtuar os ganhos turísticos em prol da comunidade. Nos blogs de viagens, menciona-se a importância do farol como atrativo turístico principal e a bela vista que se tem da região do seu ponto mais alto. Pontua-se o artesanato e a comercialização de bebidas e alguns alimentos, porém não o relacionam a destino TBC.

O protagonismo em desenvolver e articular as atividades turísticas não ocorre nas comunidades, ao contrário, tornou-se evidente que as comunidades, em especial o povoado de Mandacaru é dependente das agências de viagens que conduzem os turistas ao local. A perda, mesmo que temporária do seu atrativo principal, o farol, demonstrou a dependência com sua rede de colaboração. Uma síntese com as categorias de análise e depoimentos pesquisados estão descritos no Quadro 04.

Quadro 4 - Pesquisa em blogs de viagens, sites institucionais e de agências de viagens relacionados a comunidade de Mandacaru

Categorias de análise Aspectos técnicos do atrativo	Depoimentos
Acesso	“fica a uma hora de viagem pelo rio Preguiças” (blog feriasbrasil)
Equipamentos (meios de hospedagem, entretenimento, alimentação...)	“Vale a pena encarar os 160 degraus que levam ao topo do farol, a 35 metros de altura. Lá em cima, a vista panorâmica descortina o rio, o mar e os Lençóis. Erguido em 1940 no povoado de Mandacaru” (blog feriasbrasil)

		<p>“No local, há várias lojinhas e quiosques para compra de sorvetes e bebidas. Vale experimentar a caipirinha de caju, fruta típica da região” (blog guia.melhoresdestinos)</p> <p>“Em determinadas épocas, porém, o farol é fechado para manutenção e não possível subir até lá. Por isso, algumas agências nem fazem a parada no povoado quando isso acontece” (blog meudestinoelogoali)</p> <p>“o maior atrativo do povoado, o Farol de Mandacaru, também conhecido como Farol de Preguiças. Construído em 1920 pela Marinha do Brasil, que ainda o administra, o farol tem 46 metros de altura e proporciona uma fantástica vista 360° graus da região” (blog viajantesemfim)</p> <p>“O local é famoso principalmente por dois motivos: pelo Farol de Mandacaru (também conhecido como Farol de Preguiças) e pelas típicas (e exóticas!!) cachacinhas que são vendidas e degustadas logo na chegada de barco” (blog cafeviagem)</p> <p>“a melhor caipirinha da região no quiosque do pier” (agência brasilplanet)</p> <p>“Visitarão o farol e o artesanato da região” (agência slzturismo)</p> <p>“Em Mandacaru, pode-se ainda saborear um delicioso peixe na brasa e comprar artesanato de fibra de buriti” (SECTUR/MA)</p>
Descrição/ Imagem	Rusticidade/ Paraíso	<p>“Mandacaru, outro povoado ribeirinho situado as margens do rio” (blog viajantesemfim)</p> <p>“[...] desfrutar de uma vista encantadora dos Lençóis Maranhenses e do Rio Preguiças entrando no oceano e da imensa floresta nativa” (agência Innovarturismo)</p>
	Vilarejo de pescadores	<p>“Mandacaru, uma vila de pescadores onde fica o farol Preguiças” (blog mapadeviajante)</p> <p>“Vilarejo de Mandacaru, onde subiremos o farol com seus 164 degraus para fotos panorâmicas da região” (agência Caravelas)</p> <p>“povoado de Mandacaru, uma pequena comunidade de pescadores” (agência brasilplanet)</p>
Hospitalidade		Sem referência
Infraestrutura		Sem referência
Prática de esportes náuticos ou de aventura		Sem referência
Fluxo de turístico		Sem referência
<p>Categories de análise</p> <p>Aspectos referenciais de TBC</p>		Depoimentos
Apresentação como destino TBC ou TC ou Turismo de Experiência		<p>“As artesãs passaram por diversos processos de capacitação e hoje comercializam seus objetos para todo o Brasil. É encantador ouvir suas histórias de vida” (SECTUR/MA)</p>

Organização da atividade	Investimentos de nativos	“Ao chegar no pier já da pra perceber um clima de Piratas do Caribe. Ali mesmo está a Banca do Domingos, um bar montado praticamente dentro da água, vendendo todo tipo de caipirinha. A mais famosa é a caipirinha de Caju!. O Farol fica a poucos metros do pier e no caminho é possível encontrar lojas de artesanatos, sorvetes, outras barracas de caipirinha e muita água de coco” (blog mapadeviajante)
	Investimentos de estrangeiros	Sem Referência

Fonte: dados da pesquisa (2020).

IV.3. Potencialidades e Limitações para o desenvolvimento do turismo em Atins e Mandacaru

As duas experiências, embora não se adequem aos preceitos do TBC, possuem potencialidades para se desenvolver turisticamente e almejem a inserção como destinos de base comunitária. De outro lado, existem limitações que devem ser superadas para que esse anseio se concretize. O Quadro 5 sintetiza os resultados encontrados.

Quadro 5 – Potencialidades e Limitações para o turismo em Atins e Mandacaru

Potencialidades	Limitações
Turismo em estágio embrionário	Rápida ascensão do fluxo de turistas, em especial estrangeiros (Atins)
Proximidade com o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses	Construção desordenada de residências temporárias e empreendimentos hoteleiros pelos visitantes alóctones (Atins)
Capacitação de jovens em idiomas estrangeiros e técnicas hoteleiras (Atins)	Expropriação dos nativos
Capacitação de artesãos para comercialização de seus produtos	Diminuição da pesca devido ao kitesurf
Manutenção, mesmo precária, de práticas tradicionais de subsistência	Estruturas precárias dos serviços alimentícios (Mandacaru)
Diversificação da renda com venda de produtos alimentícios e artesanais	Falta de organização comunitária para planejar o turismo
	Perda temporária do principal atrativo turístico (Mandacaru)
	Falhas na governança local da gestão turística

Fonte: a autora (2020).

O turismo ainda se encontra em fase embrionária nas comunidades o que facilita o seu direcionamento a partir de um planejamento a ser contruído pela governança local. Em Mandacaru, o fluxo turístico é mais intenso por compor um roteiro tradicional em relação a Atins que faz parte de um roteiro alternativo. Ainda assim, é possível traçar ações para um redirecionamento que atenda melhor aos anseios e necessidades da comunidade. Pontos positivos, como uma certa manutenção das práticas produtivas tradicionais e capacitação de artesãos e jovens, são necessários para que a comunidade mantenha sua atratividade e possam

por conta própria assumir a gestão do turismo em seu território e ampliar os ganhos socioeconômicos provenientes da atividade. A proximidade com o parque nacional, coloca as comunidades em vantagem competitiva, pois amplia a sua visibilidade turística. Ademais, dispõem de recursos naturais similares e complementares ao parque e não precisam atender medidas tão restritivas de uso por estarem na zona de amortecimento do parque e não em seu interior.

Outro fator positivo é a existência de uma associação sem fins lucrativos constituída, em 2016, por moradores e empresários de Atins e Santo Inácio, povoado vizinho, que visa apoiar o turismo sustentável e a preservação dos recursos naturais e humanos da localidade. Denominada Atins Sustentável, a associação não faz menção ao TBC, embora descreva que a “região representa um patrimônio de natureza selvagem com comunidades tradicionais de pescadores e grandes artesãos” (Atins Sustentável, 2020).

Enquanto limitantes ao desenvolvimento do turismo sustentável aos moldes do TBC, preocupa a ampliação dos fluxos turísticos sem o devido planejamento e ordenamento territorial por parte da governança local. E, ainda, sem a organização e participação das comunidades como atores principais nas decisões sobre o desenvolvimento turístico. Por fim, menciona-se como entrave, a pouca atuação da governança local quanto à gestão turística. No site da prefeitura municipal não consta informação sobre as comunidades ou qualquer informação relevante sobre o turismo, delegando o papel de promotor do turismo a instância estadual.

V. CONCLUSIONES

A adoção dos princípios do TBC em comunidades turísticas permite a transferência de conhecimentos adequada à realidade local, visando contribuir para melhoria do desenvolvimento humano, promover qualidade de vida, facilitar a geração de trabalho e renda e adoção de melhores práticas sustentáveis.

Alguns alicerces do TBC que envolvem protagonismo e emancipação social não são observados nas comunidades pesquisadas. A melhoria da qualidade de vida e oportunidades de geração de divisas são atendidas em uma relação de dependência direta com os agenciadores dos passeios turísticos. A fragilidade da relação entre comunidade e agenciadores é constatada, em especial no povoado de Mandacaru, com o fechamento temporário do principal atrativo turístico local, o farol. Esta condição motivou a queda do fluxo de turistas e vem alterando a dinâmica econômica no povoado, demonstrando que a emancipação social não faz parte da realidade da comunidade.

Em Atins, do mesmo modo, a população autóctone sofre pressão dos visitantes forasteiros que decidem se apropriar dos espaços para empreender na atividade turística. Portanto, o empoderamento da comunidade por meio de uma autogestão sustentável de seus recursos comunitários, bem como, uma gestão turística endógena e autônoma não se aplicam. O manejo das terras e das atividades econômicas ligadas ao turismo ao contrário de ser realizado por associações comunitárias, segue a dinâmica do mercado turístico, representado pelo trade e poder público e incentivado em blogs de viagens.

Enquanto atores da governança local, poder público e trade possuem papel de destaque para estimular o desenvolvimento do turismo de modo sustentável nas comunidades. De modo antagônico, criam mecanismos para ampliar os fluxos turísticos sem inserção adequada das comunidades.

Da forma como se apresentam, hoje, as comunidades de Mandacaru e Atins não podem ser identificadas como destinos de TBC ou experiência de base comunitária, como aponta o órgão estadual de turismo. Ao que parece, é uma tentativa de dar maior visibilidade turística aos locais, com foco na formação de uma imagem que não condiz com a realidade.

Para se tornarem experiências de base comunitária, os povoados necessitam de maior articulação interna para melhor conduzir o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, inibindo os fatores limitantes e maximizando as potencialidades identificadas na pesquisa de campo.

VI. BIBLIOGRAFÍA

Archer, Brian & Cooper, Chris (1998). The positive and negative impacts of tourism. En: Theobald, William F. (Coord.) *Global Tourism*. Oxford: Routledge.

Bardin, Laurence (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Beni, Mário Carlos (2007). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: SENAC.

Botelho, Eloise Silveira & Rodrigues, Camila Gonçalves de Oliveira (2016). Inserção das iniciativas de base comunitária no desenvolvimento do turismo em parques nacionais. *CVT*, 16(2), 280-295. <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.16n2.2016.1202>

Borrelli-Persson, Laird (18 de janeiro de 2018). An Insider's Guide to Atins, a Hidden Paradise on the Northeast Coast of Brazil. *Vogue*. Recuperado de <https://www.vogue.com/article/travel-guide-atins-brazil>.

Brandão, Amaurícia Lopes Rocha & Coriolano, Luzia Neide Menezes Teixeira (2006). Eixos do turismo: convencional e contra-hegemônico em Jericoacoara. *Formação* (online), 3(23). <https://doi.org/10.33081/formacao>

Burgos, Andrés & Mertens, Frédéric (2015). Os desafios do turismo no contexto da sustentabilidade: as contribuições do turismo de base comunitária. *Pasos*, 13(1). <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2015.13.004>

Burgos, Andrés & Mertens, Frédéric (2016). As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. *Tourism & Management Studies*, 12(2), 18-27. <https://doi.org/10.18089/tms.2016.12203>

Butler, Richard (1980). *The concepty a tourist are life cycle of evolution implications for management of resources*. Canadian Geographer.

Camargo, Luiz Octavio de Lima (2008). Pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 5(2).

Carlomagno, Márcio C. & Rocha, Leonardo Caetano da (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1). <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>

Carvalho, Rafiza Luziani Varão Ribeiro (2012). *Harold Lasswell e o Campo da Comunicação*. (Tesis Doctoral). Universidade de Brasília. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12047>

Castro, Luciana Luisa Chaves. & Pinto, Roque (2013). Sustentabilidade e turismo comunitário: aspectos teórico-conceituais. *Caderno Virtual de Turismo*, 13(2), 213-226.

Castro, Fábio de; Hogenboom, Bárbara. & Baud, Michiel (2015). A governança ambiental na América Latina em uma encruzilhada: movendo-se entre múltiplas imagens, interações e instituições. En: Castro, Fábio de; Hogenboom, Bárbara. & Baud, Michiel (Coord.). *Governança ambiental na América Latina*, 13-37. Buenos Aires: CLACSO. Recuperado de <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20150930120438/GobernanzaPT.pdf>

Chagas, Márcio Marreiro das (2008). Imagem de destinos turísticos: uma discussão teórica da literatura especializada. *Turismo: visão e ação*, 10(3), 435-455.

Coriolano, Luzia. Neide M. Teixeira (2009). O turismo comunitário no nordeste brasileiro. En: Bartholo, Roberto; Sansolo, Davis Gruber & Bursztyn, Ivan (Orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*, 277-288. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. Recuperado de http://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_bursztyn.pdf

Costa, Helena A. (2009). *Mosaico da sustentabilidade em destinos turísticos: cooperação e conflito de micro e pequenas empresas no roteiro integrado Jericoacoara – Delta do Parnaíba – Lençóis Maranhenses*. (Tesis Doctoral). Universidade de Brasília. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4054>

Costa, Helena A.; Silva, David Leonardo Bouças & Nascimento, Elimar Pinheiro (2012). A Governança sonhada para o Turismo: uma análise sobre o voucher único de Barreirinhas (Maranhão, Brasil), a partir da visão dos empresários do setor turístico. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 2, 701-715.

Cruz, Rita (2007). Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca.

Fratucci, Aguinaldo C. (2007). Os processos de turistificação do espaço e atuação dos seus agentes produtores. En: *Encontro Nacional de Turismo com Base Local*, 10.

Fuentes, José Luis (2011). Gobernanza para la conservación de áreas protegidas. En: Andrade, Karen (Coord.), *Gobernanza ambiental en Peru y Bolivia*, 85-118. Quito, Equador: FLASCO, UICN, UKAID. Recuperado de <https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/2011-079.pdf>

Furtado, Laís Antunes & Wada, Elizabeth Kyoko (2018). Os impactos socioeconômicos do turismo em Santo Antônio, Queimada dos Britos e Atins – comunidades do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, 25. Recuperado de <https://www.eumed.net/rev/turydes/25/impacto-socioeconomico.html>

G1 (29 de outubro de 2007). Avanço do mar ameaça Lençóis Maranhenses. Brasil. Meio Ambiente. *Jornal Hoje*. Recuperado de <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL162087-5598,00-AVANCO+DO+MAR+AMEACA+LENCOIS+MARANHENSES.html>.

Graciano, Pollyanna. Fraga & Holanda, Luciana Araújo (2020). Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 14(1). <https://doi.org/10.7784/rbtur.v14i1.1736>

Hiernaux-Nicolas, Daniel (2002). Turismo e imaginarios. En: Hiernaux-Nicolas, Daniel; Cordero, Allen & Montijn, Luisa Van Duynen. *Imaginarios sociales y turismo sostenible*. Costa Rica: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO).

ICMBio (2020). *Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Recuperado de <https://www.icmbio.gov.br/parnalencoismaranhenses/guia-do-visitante.html>

Irving, Marta de Azevedo; Cozzolino, Felipe; Fragelli, Cláudia & Sancho, Altair (2007). Governança e políticas públicas: desafios para a gestão de parques nacionais no Brasil. En: Fontaine, Guillaume; Geert van Vliet; Pasquis, Richard (Orgs.). *Políticas ambientales y gobernabilidad en América Latina*, 79-106. Equador: FLACSO, IDDRI, CIRAD.

Issa, Yara Silvia Marques de Melo & Dencker, Ada de Freitas (2006). Processos de turistificação: dinâmicas de inclusão e exclusão de comunidades locais. En: *SeminTur – Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, 4. Recuperado de https://www.ucs.br/ucs/tplSemMenus/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_4/arquivos_4_seminario/GT14-12.pdf

Jacobi, Pedro Roberto & Sinisgalli, Paulo Antônio de Almeida (2012). Governança ambiental e economia verde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 17(6). 1469-1478. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000600011>

Krippendorff, Jost (2001). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.

Leiper, Neil (1995). *Tourism Management*. Melbourne: TAFE Publications.

Maldonado, Carlos (2009). O turismo rural comunitário na América Latina: Gênese, características e políticas. En: Bartholo, Roberto; Sansolo, Davis Gruber & Bursztyn, Ivan (Orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*, 25-44. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. Recuperado de http://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_bursztyn.pdf

Martín, Pedro Prieto (2003). De la gobernabilidad a la gobernanza local: marco conceptual y metodológico. Anais. En: *Seminário de investigação sobre eGovernance: informação política na rede*, Universidad de Catalunya. Recuperado de <http://www.kyopol.net/docs/PedroPrieto.GobernabilidadYGobernanzaLocal.pdf>.

Molina, Fábio Silveira (2011). A produção do espaço pelo e para o turismo: o caso da praia de Jericoacoara, Ceará, Brasil. En: *O processo de bolonha e as reformas curriculares da geografia em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Recuperado de https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/produ%C3%A7%C3%A3o_do_esp%C3%A7o_pelo_e_para_o_turismo_o_caso_da_praia_de_jericoacoara_ Cear%C3%A1_brasil.

Molinari, Davi (16 de dezembro de 2018). *Atins é a meca dos kitesurfistas: população de vilarejo nos Lençóis Maranhenses dobra durante férias escolares na Europa*. Diário de Urbelândia. Turismo. Recuperado de <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/19121/atins-e-a-meca-dos-kitesurfistas>.

Ministério do Turismo (2016). *Turismo e sustentabilidade: orientações para prestadores de serviços turísticos*. Brasília: MTUR.

Pinho, Thays Regina Rodrigues (2019). *Mudanças socioambientais promovidas pelo turismo litorâneo em comunidades que dão acesso a parques nacionais*. (Tesis Doctoral). Universidade Federal do Ceará. Recuperado de <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/45382>

Nordin, Sara & Svensson, Bo (2006). The Significance of Governance in Innovative Tourism Destinations. *Annals*. En: AIEST Congress Brainerd, 55, USA. Recuperado de <https://www.researchgate.net/publication/285665756>.

Paskaleva-Shapira, Krassimira (2000). *Innovative Partnerships for Effective Governance of sustainable urban tourism: Framework approach*. SUT-Governance Deliverable no. 1. Recuperado de <http://sut.itas.fzk.de>

Petrocchi, Mario (2001). *Turismo: planejamento e gestão*. São Paulo: Futura.

Saldanha, Macelo Aragão; Bello, Leonardo Augusto Lobato; Cruz, Silvia Helena Ribeiro & Serra, Monique Oliveira (2020). E o turismo do Mandacaru com o farol (temporariamente) fechado?!? Percepções da comunidade – atores da atividade. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 13(3). 600-614. <https://doi.org/10.34024/rbecotur.2020.v13.10166>

Sampaio, Carlos, Henriquez, Christian & Mansur, Cristiane (Orgs.) (2011). *Turismo comunitário, solidário e sustentável: da crítica às ideias e das ideias à prática*. Blumenau: Edifurb.

Sansolo, Davis Gruber & Bursztyn, Ivan (2009). Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro. En: Bartholo, Roberto; Sansolo, Davis Gruber & Bursztyn, Ivan (Orgs.) *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*, 142-161. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. Recuperado de http://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_bursztyn.pdf

Scott, Noel; Cooper, Chris & Baggio, R. (2008). Destination Networks: Four Australian Cases. *Annals of Tourism Research*, 35(1). 169-188.

Silva, David Leonardo Bouças & Ribeiro, Ruan Tavares (2018). Passado, presente e futuro: os desafios para o desenvolvimento turístico sustentável do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. En: Elimar Pinheiro do Nascimento & Helena Araújo Costa (Orgs.). *Turismo e sustentabilidade: verso e reverso*. Rio de Janeiro: Garamond.

Silva, Andressa Hennig & Fossá, Maria Ivete (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, 17(1), 1-14.

Spinola, Carolina de Andrade (2013). Parques Nacionais, Conservação da Natureza e Inserção Social: Uma realidade possível em quatro exemplos de cogestão. *Revista Turismo Visão e Ação*, 15(1). 71-83. <https://doi.org/10.14210/rtva.v15n1.p071-083>

Swarbrooke, John (2000). *Sustainable tourism management*, Oxon, UK, Cabi.

UNWTO (2019). *Tourism Highlights*. Madrid: UNWTO.

Yeoman, Ian (29 de maio de 2020). *Cenários futuros para o turismo global pós Covid-19*. Webnário realizado pela Braztoa e LETS/UnB.